XI Congresso Brasileiro de História Econômica & 12ª Conferência Internacional de História de Empresas
14 a 16 de setembro de 2015 | Vitória/ES
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA ECONÔMICA
UFES Departamento de Economia CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS

O PERÍODO DE 1981 A 1985 DO GOVERNO REAGAN E O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DOS EUA COMO PRINCIPAL POTÊNCIA MUNDIAL[1]

Ana Claudia Salgado Cortez[2], Carlos Eduardo Carvalho[3], Patrícia Helena Fernandes Cunha[4].

Resumo
O artigo analisa a sinergia entre processos complexos dos anos Reagan que conduziu à recuperação e à consolidação do poder político e econômico dos Estados Unidos depois das crises dos anos 1970. O primeiro mandato trouxe iniciativas diplomáticas e militares que "quebrariam" a URSS, como ficaria evidente com a ascensão de Gorbachev. A forte elevação dos juros, iniciada em 1979 por Paul Volcker, ainda no governo Carter, e acentuada no início do governo Reagan, derrubou a inflação alta e debilitou a indústria tradicional e os sindicatos, mas as políticas de *supply side* e as inovações tecnológicas levaram à recuperação econômica e ao Acordo do Plaza, em 1985, em que os EUA obtiveram o apoio de Alemanha e Japão para suas iniciativas monetárias e cambiais. Esses processos amadureceram e ficaram evidentes no segundo mandato (1985-1988).

Palavras chaves: Reagan, EUA, supply-side, política externa, SDI.

Abstract
This article analyzes the synergy among complex processes that characterized Reagan's administration and led to the recovery and consolidation of the US political and economic power. The first term of his government was marked by diplomatic and military initiatives that would latter "brake" the USSR, as evidenced by the Gorbachev's rise, in 1985. The high-interest policies, initiated in 1979 by Paul Volcker, still during Carter's government, and accented at the beginning of Reagan's, stopped the high inflation and weakened the traditional industry and trade unions. However, the supply side policies and the wave of technological innovations led to the economy recovery and to the Plaza's Accord, in 1985, when the US obtained a consent from Germany and Japan to its monetary initiatives. . These processes matured and became evident at the end of Reagan's second term (1985-1988).

Key words: Reagan, USA, supply-side, foreign policy, SDI.

---

[1] Versão ampliada e modificada do relatório final de Iniciação Científica de Ana Claudia Salgado Cortez, sob orientação do Professor Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho, com bolsa PIBIC/CNPq.

[2] Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e graduanda do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo – ana.7.cortez@usp.br.
[3] Professor do Departamento de Economia da PUCSP e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas – cecarv@uol.com.br.
[4] Doutora em Economia pela FVG/SP – paticunha22@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo governo de Ronald Reagan nos EUA (1981-1988) se justifica pelos complexos processos envolvidos e por ter conduzido à reversão da suposta decadência da capacidade de liderança norte-americana, apontada e discutida desde os traumáticos acontecimentos da década de 1970. A releitura do período Reagan ganhou novo estímulo com a volta do debate sobre o declínio dos EUA nos anos recentes.

As decisões tomadas pelo governo norte-americano de 1981 a 1985 recuperaram o tripé que sustenta os EUA como principal potência mundial: (i) liderança econômica, em especial na alta tecnologia, e o dólar como principal moeda de reserva; (ii) liderança militar incontestável, com o fim da capacidade da URSS de tentar equilibrar a corrida armamentista e a vitória na Guerra Fria, com clara superioridade em armamentos de alta tecnologia; (iii) credibilidade da política externa, principalmente frente a seus aliados.

A economia do *supply side* foi uma marca do governo Reagan e consagrou a chamada contra-revolução liberal, ou anti-keynesiana, ao lado das políticas de Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha. Reagan desmontou progressivamente as bases do que tinha sido a política econômica e a regulação financeira desde os anos Roosevelt. Contudo, em meio a esses dois pilares e ao discurso liberalizante, crítico da presença do Estado e favorável à livre iniciativa, o governo Reagan promoveu de fato substancial elevação do déficit público nos EUA, puxado pelo gasto militar.

Outro processo marcante foi a vigorosa elevação dos juros pelo Federal Reserve System, iniciada em outubro de 1979 sob o comando de Paul Volcker, nomeado para o FED ainda pelo antecessor de Reagan, Jimmy Carter. A alta dos juros foi mantida e intensificada no início do governo Reagan. Essa medida ajudou a quebrar setores tradicionais da indústria e o poder dos sindicatos, além de contribuir para valorizar fortemente o dólar e intensificar o avanço das indústrias de alta tecnologia, favorecidas pela importação barata de máquinas e bens intermediários de todas as partes do mundo.

O governo Reagan também foi marcado pela retomada do combate ao comunismo e à URSS como eixo da política externa dos EUA. O programa "stars war", o "guerra nas estrelas", reverteu o espírito de detente, com esforço concentrado em derrotar a

capacidade de concorrência da URSS. A magnitude dos gastos militares e o destaque para a alta tecnologia apressou sobremaneira o colapso da economia soviética e potencializou a onda de mudanças que permitiu a retomada da liderança nos EUA em todos os segmentos econômicos decisivos, no momento em que se dizia que o Japão teria tomado a liderança tecnológica e era a potência econômica ascendente.

Apesar da relativa autonomia entre os três processos, e da presença de elementos até certo ponto contraditórios entre eles, os três se articularam com sinergia suficiente para se reforçarem e produzirem mudanças políticas e econômicas fundamentais para a sociedade norte-americana naquele período. Dessa forma, um segundo argumento presente no artigo é de que a reorientação da política externa e a escalada militar dos EUA contra a URSS foram catalisadores importantes do processo de recuperação da economia e da liderança tecnológica norte-americana.

O texto está dividido em quatro seções, além dessa introdução: 1) a política econômica dos EUA entre 1981 e 1985; 2) a política externa do governo Reagan em seu primeiro mandato e durante o ano de 1985; 3) o programa "Star Wars"; e, por fim, 4) as considerações finais.

1. A política econômica dos EUA entre 1979 e 1985

1.1. Antecedentes nos anos 1970

A economia norte-americana fragilizou-se nos anos 1970 devido ao ambiente interno e externo conturbados com a crise do sistema de Bretton Woods e a derrota na Guerra do Vietnã. As dificuldades econômicas se manifestavam nas elevadas taxas de inflação, no aumento da taxa de desemprego, na queda do produto e na instabilidade nos mercados de câmbio e commodities (Lindesey, Orphanides, Rasche, 2004).

O arranjo monetário internacional de taxas de câmbio fixa e conversibilidade do dólar em ouro, estabelecido em Bretton Woods em 1944, sofreu uma tentativa de reforma em 1971 e foi definitivamente abandonado em 1973 (Eichengreen, 2000). As consequências imediatas da adoção de taxas de câmbio flutuante foram a forte instabilidade econômica em boa parte do mundo e a depreciação do dólar americano, dado os crescentes déficits

na balança comercial e no balanço de pagamentos nos Estados Unidos. Essa depreciação do dólar junto com as duas elevações nos preços do Petróleo, organizados pelo Cartel da OPEP, pressionaram ainda mais as taxas de inflação americana e nos demais países. Como destaca Moffitt (1985), a moeda americana é a mais importante devido ao seu papel de meio de pagamento e unidade de referência no sistema financeiro internacional. A depreciação do dólar estimula todos os países a elevarem seus preços para manter o valor real dos preços em dólares.

Em 24 de junho de 1977, durante a reunião da OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), W. Michael Blumenthau, Secretário do Tesouro dos EUA, falou sobre a necessidade de enfraquecer o valor do dólar. No mesmo período, funcionários do Departamento do Tesouro norte-americano também vazaram informações para o *Washington Post* sobre o desejo do governo de um dólar mais desvalorizado, pois isso aliviaria os problemas dos EUA com sua indústria e com seu balanço de pagamentos.

A reação dos mercados foi uma forte venda de dólares. No final de 1977, o dólar já tinha perdido 20% do seu valor em relação ao iene, 10% em relação ao franco suíço e 7% em relação ao marco alemão. Nas palavras de Moffitt, o secretário Blumenthau estava tentando forçar a queda do dólar e a questão era saber até que nível ele o deixaria cair. Ao findar o ano de 1977, os EUA haviam alcançado um impressionante déficit comercial de US$ 31 bilhões. O déficit total no balanço de pagamentos chegou a US$ 35 bilhões, ou seja, o déficit comercial dos EUA chegou a 88,6% do seu déficit total. Em 1978, os mercados de câmbio internacional tornaram-se tão voláteis que os bancos levaram as declarações de Blumenthau às últimas consequências, o que fez com que o ajustamento da taxa de câmbio se tornasse um verdadeiro instrumento de destruição do dólar. (MOFFITT, 1985)

Em 1978, o governo norte-americano recebeu uma ameaça da organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Esta organização dizia que iria elevar os preços do petróleo para recuperar-se dos prejuízos provenientes do declínio do dólar. Após essa ameaça, o tesouro permitiu que o Federal Reserve (FED) intervisse no mercado a fim de estabilizar a moeda norte-americana. As medidas tomadas pelo FED conseguiram parar

a queda do dólar, porém por pouco tempo.

A desvalorização do dólar significava aumento da competitividade dos produtos dos EUA e, consequentemente, uma queda nas exportações europeias e japonesas. Assim, diversos países passaram a intervir no mercado de moedas, comprando dólares, com o objetivo de sustentarem o valor da moeda norte-americana.

Com o objetivo de adquirir dólares, outros bancos centrais vendiam suas próprias moedas, o que resultou numa expansão da quantidade de suas respectivas moedas nacionais no mercado. Esse mecanismo alimentou a inflação nesses países. Além disso, havia o fato do valor do dólar ser – nas palavras de Paul Volcker – "o mais importante preço do mundo, pois tantos outros preços nos EUA e no exterior dependem dele, uma queda do dólar encoraja a todos, dos países da OPEP à Toyota, a elevarem seus preços para manter o valor real dos preços em dólares". (MOFFITT, 1985)

Em 1979, o governo Carter reconheceu a gravidade do problema inflacionário e indicou, em agosto, Paul Volcker para a presidência do Fed. Volcker era um democrata conservador e conhecido como ferrenho adversário da inflação.

Para Mussa (1990), as dificuldades de manter a estabilidade de preços e a estabilidade da taxa de câmbio americana não era decorrência dos eventos externos, mas principalmente da administração da política econômica doméstica.

> The dilemma that confronted the Federal Reserve in 1979 was not exclusively, or even primarily, the product of political upheaval in Iran and the second oil shock. In substantial measure, it was the consequence of failures to confront the rise of inflationary pressures more consistently and effectively at an earlier stage. (MUSSA, 1990:93)

1.2 O choque de juros de Volcker

"Revolução de Seis de Outubro" é como ficou conhecido o encontro do Federal Open Market Commitee (FOMC) antecipado, sem muito alarde, para o sábado, dia 06 de outubro de 1979, em Washington. Volcker liderou seus colegas numa profunda alteração na operacionalidade da política monetária que se refletiu na teoria e prática dos bancos centrais a partir de então.

A principal mudança foi no mecanismo de funcionamento das operações de mercado aberto. Substituiu-se a meta para a taxa de juros para uma meta que permitisse controlar a oferta de moeda da economia. Estabeleceu-se uma meta para as reservas bancárias depositadas no Fed, o que provocou uma grande alta nas taxas de juros. O choque de juros significou o rompimento do procedimento de sintonia fina de elevação gradual dos juros praticado sem sucesso ao longo da década de 1970[5] para combater a inflação. Complementarmente, anunciou-se a elevação da taxa de redesconto, para desestimular que os bancos recorressem ao Fed para suprir suas necessidades de reservas bancárias. Além disso, adotou-se um adicional marginal de reservas bancárias de 8% sobre o passivo administrado dos grandes bancos.

Segundo Feldstein (1990), essa reforma de outubro contou com o consentimento da administração Carter. No entanto com a súbita elevação das taxas de juros básicas, como ilustra o gráfico 1, Vocker permitiu que as taxas de juros caíssem e impôs controles de créditos para combater as elevadas taxas de inflação. Nas suas palavras:

> When the short rates reached over 15 percent in March 1980, the Fed lost the support of the Carter administration. With less than nine months to the 1980 presidential election, President Carter authorized the Fed to use credit controls to constrain consumer spending and effectively forced them to do so by going on television to exhort consumer restraint in the use of credit. (Feldstein, 1990:6).

[5] Lindsay, Orphanides and Rasche (2004) descrevem detalhadamente os eventos ocorridos ao longo do ano de 1979, com base na transcrição da gravação dos encontros do comitê de política monetária, que demonstram a divergência de opinião existente no FOMC sobre qual era o mandato prioritário do banco central, o panorama econômico e como combater a inflação.

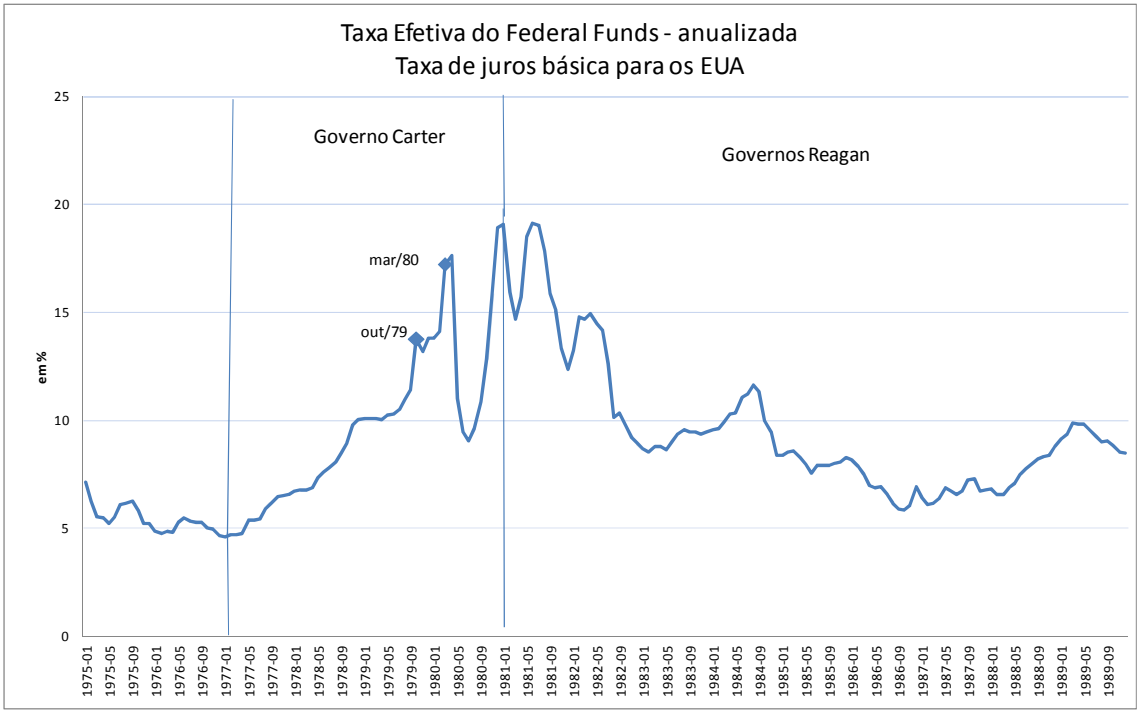

Gráfico 1: Taxa Efetiva do Federal Funds anualizada

Fonte: Federal Reserve, selected interest rate H.15.

Segundo Mussa (1990), o pacote de março do governo Carter, além do controle do crédito ao consumo, promoveu cortes orçamentários. Houve uma forte e breve queda do produto, mas as taxas de inflação ao final de 1980 estavam mais elevadas em relação ao ano anterior.

> The objective of these actions was to reduce pressures on interest rates arising from the federal deficit, to limit directly the growth of consumer credit that appeared to be fueling the inflationary process, and to attempt to break the psychological fear of uncontrolled inflation. As one high official of the Carter administration once explained it (MUSSA, 1990: 98)

Como resultado das taxas de juros mais altas, o dólar elevou-se em mais de 30% contra o marco alemão e 40% contra o iene. Assim, a desconfiança mundial em relação ao dólar passou e a moeda norte-americana tornou-se a mais forte do mundo (MOFFITT, 1985). Os problemas da desvalorização do dólar e da alta inflação norte-americana haviam sido sanados, porém, o resultado negativo gerado pelas altas taxas de juros foi uma acentuada queda no nível da atividade econômica mundial. No final de 1982, principalmente devido à restrição no crédito realizada por Volcker, a produção industrial

dos EUA estava mais baixa do que no início de 1979, destaque para as indústrias automobilísticas e de construção, grandes responsáveis pelo aumento acentuado da taxa de desemprego no país.

1.3 A Política econômica do governo Reagan no período de 1981 a 1985 e o Acordo do Plaza

Ao contrário de seus antecessores republicanos, Dwight Eisenhower, Richard Nixon e Gerald Ford, Ronald Reagan não era uma figura do *establishment* político norte-americano. Reagan era um integrante do "movimento conservador" que havia surgido nos anos 1950. Após a derrota massacrante de Barry Goldwater, candidato republicano à presidência em 1964, as rápidas mudanças culturais, representadas pela contracultura, pela revolução sexual e pela oposição à Guerra do Vietnã, fortaleceram a corrente conservadora do partido republicano, ao mesmo tempo em que a derrota na Guerra do Vietnã, as dificuldades enfrentadas pela política externa de Carter e a crise do petróleo abriram espaço para uma direita mais militarista nos EUA (CORDEIRO, 2010).

Para Reagan, durante sua campanha eleitoral, o principal problema econômico enfrentado pela economia americana era a elevada taxa de inflação. Para Brownlee (2006), o problema da inflação trouxe importantes consequências políticas.

> What the Great Inflation did politically was to create conditions that enabled an antigovernment movement that had been gathering force only slowly since the early 1960s to take control of the federal government in the election of 1980. (BOWNLEE, 2006: 143)

No contexto econômico, as correntes chamadas de neoliberais ganharam espaço em diversos países na década de 1980. Além de atribuir a inflação alta à emissão de moeda pelos Bancos Centrais, como os monetaristas desde anos antes (FRIEDMAN, 1982), os neoliberais apontavam impostos elevados e regulamentação das atividades econômicas como os responsáveis pela estagnação prolongada da economia (SLOAN, 2007).

As propostas de Reagan para a recuperação econômica baseavam-se nas políticas de *supply-side*, uma ruptura clara com o modelo de inspiração keynesiana de regulação da

economia pelo controle da demanda efetiva. Tratava-se de apostar no crescimento pelos incentivos à oferta, à produção e ao investimento, por meio de corte de impostos, redução das regulações e interferências do Estado na economia e fim das políticas contraciclicas. Os incentivos aoinvestimento e à produção daí decorrente incentivariam a oferta e a recuperação da economia. Tratava-se de drástica ruptura com os modelos keynesianos de regulação da economia e administração da demanda agregadas que vinham sofrendo críticas dos monetaristas como Milton Friedman[6].

Uma vez aceita a nova versão da curva de Phillips e considerando as expectativas racionais[7], os bancos centrais são capazes de influenciar apenas o nível de preços e não conseguem alterar o nível de produto do país que depende apenas de políticas do lado da oferta. Assim, as políticas de administração da demanda keynesianas seriam inócuas para estimular o crescimento da economia e poderiam gerar pressões inflacionárias. A administração Reagan deu apoio e sustentação à política restritiva de aperto monetário do Fed no início de seu mandato. As taxas de inflação caem para o patamar em torno de 4% ao ano ao final de 1982, e a economia vivencia a recessão no início do governo.

O presidente acreditava nas predições dos *supply-siders* de que três anos de corte de impostos iriam estimular a atividade econômica, a produtividade, aumentar as receitas e reduzir os déficits orçamentários.

Em 1981, o novo presidente procurou cumprir as promessas eleitorais e colocou em prática o *Economic Recovery Tax* (ERTA), o maior corte de impostos da história dos EUA, prioridade política durante o primeiro ano do primeiro mandato. No entanto, antes dos efeitos do ERTA aparecerem, os sinais de recessão e aumento do déficit orçamentário se tornaram evidentes. Em agosto de 1982 foi aprovado no Congresso, o Tax Equity and Fiscal Responsability Act (TEFRA) que previa elevação de impostos.

[6] Friedman e Pheps, em 1968, na conferência da América Economic Review propõe uma nova curva de Phillips, onde desaparece o tradeoff permanente entre inflação e desemprego. Assim, tentativas de manter as taxas de desemprego abaixo do nível natural, tem como consequência a elevação nas taxas de inflação. A principal lição de política econômica que emerge desta teoria é que a política monetária deve ser guiada por regras e não de forma discricionária.

[7] O desenvolvimento dos modelos com expectativas racionais ocorreu na década de 70 com Lucas, Sargent and Wallace. Expectativas Racionais considera que as pessoas otimizam o uso de todas as informações disponíveis incluindo aquelas relativas às políticas vigentes, para prever o futuro. Dessa forma os agentes econômicos não incorrem em erros sistemáticos.

Desde 1932, esse foi o primeiro aumento de impostos num ano eleitoral e também primeiro durante período recessivo (Brownlee, 2006). Dois anos depois, em 1984, o Congresso aprovou o Deficit Reduction Act (DEFRA), que revogava uma lei que permitia a diminuição do imposto de renda em 15% para contribuintes individuais com renda mensal de até US$ 3.000 ou US$ 6.000 para casais.

Em 1981 houve aumento da recessão, a taxa de desemprego cresceu 10,7%, a receita diminuiu, o déficit orçamentário aumentou de US$ 73,8 bilhões em 1980 para US$ 207,8 bilhões em 1983 e a inflação continuou elevada. A aprovação do governo Reagan caiu para 35% e o Partido Republicano perdeu 26 cadeiras nas eleições para o Congresso (SLOAN, 2007). Em 1981, o ERTA e o subsequente déficit orçamentário federal norte-americano não geraram apenas impactos negativos internos, mas tiveram um impacto profundo e não esperado em toda economia mundial.

Em 1982 o clima político nos EUA era tenso devido à recessão, ao aumento do desemprego e ao crescimento do déficit público. No mesmo ano, o Escritório de Análise Fiscal do Departamento do Tesouro dos EUA implementou várias alterações fiscais, seguindo o que havia sido aprovado na lei norte-americana conhecida como Tax Equity and Fiscal Responsability Act (TEFRA), a qual foi desenhada para levantar US$ 98,3 bilhões em três anos e recuperar parte da receita de impostos perdida (SLOAN, 2007). Dois anos depois, em 1984, o Congresso aprovou o Deficit Reduction Act (DEFRA), essa política tinha como alvo o fechamento de brechas existentes no sistema de arrecadação norte-americano, através das quais muitos conseguiam pagar menos taxas.

Tanto o TEFRA quanto o DEFRA tinham como objetivo diminuir o déficit orçamentário gerado pelo ERTA em 1981. Até 1990, os programas DEFRA e TEFRA arrecadaram conjuntamente cerca de US$ 100 bilhões (SLOAN, 2007).

Por outro lado, apesar de a política *supply-side* pregar a diminuição da intervenção estatal na economia, a política econômica do governo Reagan foi marcada pelo aumento do gasto público (Gráfico 2), em grande parte por conta do aumento dos gastos militares (Gráfico 3), que incluíram os custos do projeto *Star Wars.*

A combinação de acentuado corte de impostos e permanência de um alto nível de gastos

federais estimulou não apenas a economia norte-americana como também grande parte da economia mundial (GILPIN, 2004).

O processo recessivo nos EUA teve início em julho de 1981 e terminou ao final de 1982. O gráfico 4 demonstra o acentuado aumento inflacionário durante a segunda metade da década de 1970 e seu declínio a partir de 1981.

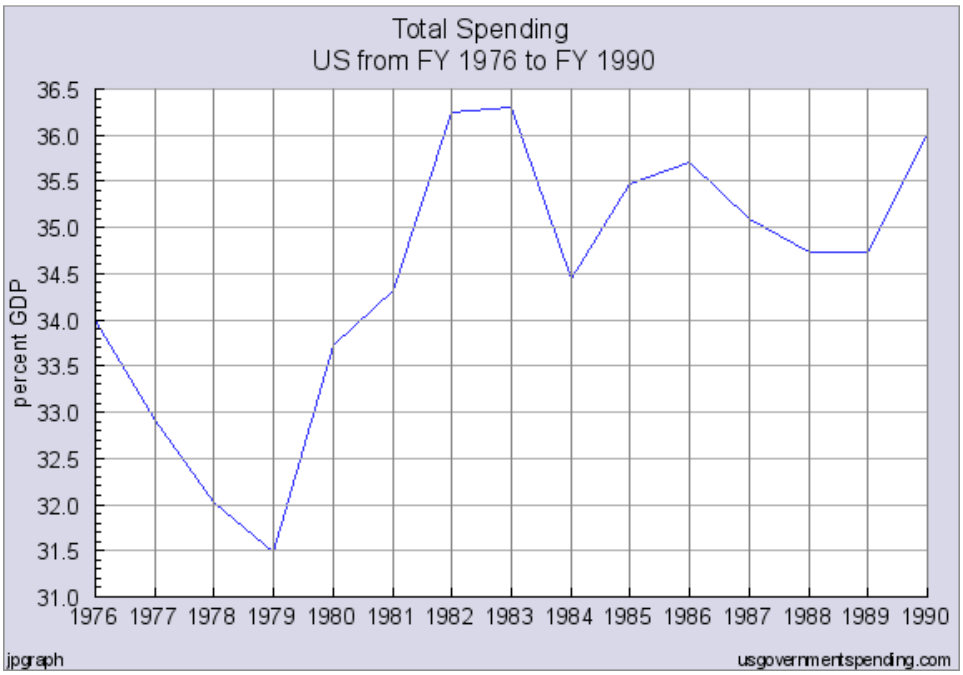

Gráfico 2: gastos do governo dos EUA em relação ao PIB entre 1976 e 1990

Fonte: http://www.usgovernmentspending.com/; 2013

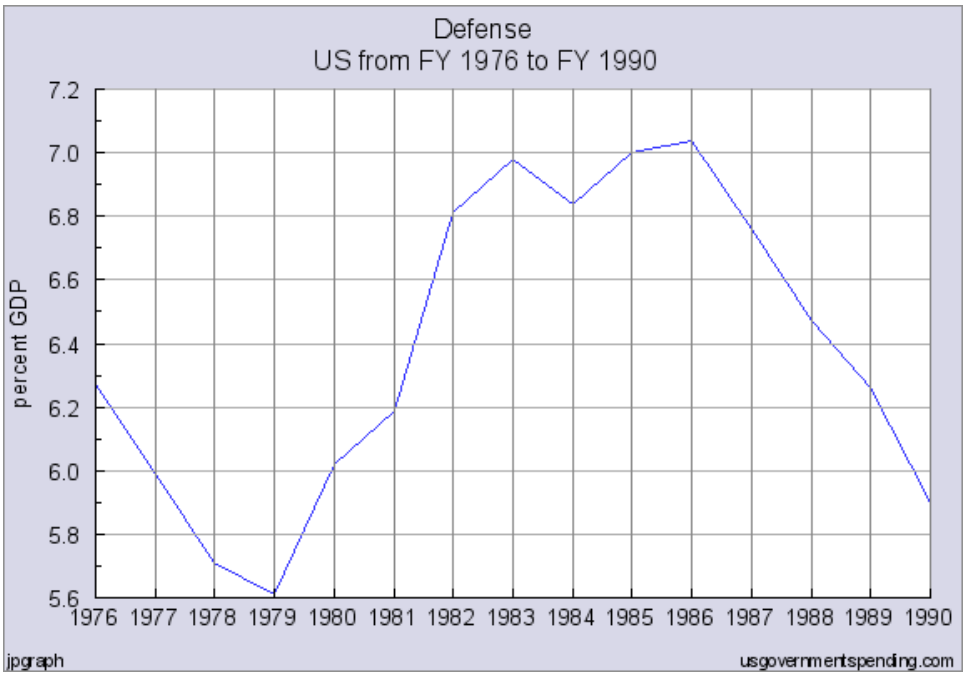

Gráfico 3: Gastos do governo dos EUA em relação ao PIB com o setor de defesa entre 1976 e 1990. Fonte: www.usgovernmentspending.com; 2013.

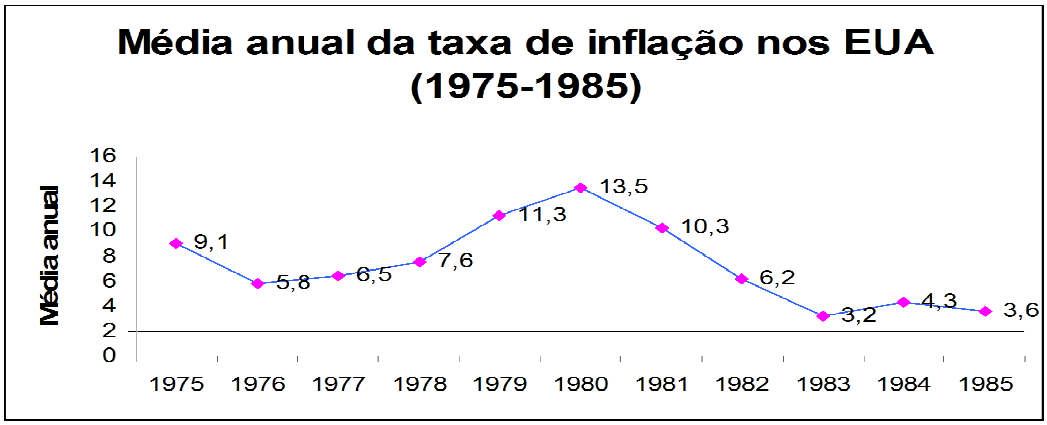

Gráfico 4- Média anual da taxa de inflação nos EUA calculada a partir do índice de preços dos consumidores. Fonte: Bureau of Labor Statistics (BLS); 2013.

O período de 1982 a 1987, ano em que ocorreu o colapso das bolsas de valores, foi

chamado de *boom* do milagre econômico reaganiano.

Com o crescimento do déficit orçamentário federal americano e consequentemente com a necessidade de financiar a dívida resultante do déficit, os mercados financeiros começaram a reagir. Os juros americanos passaram a crescer muito, o que gerou um grande influxo de capitais. A demanda de dólares dos investidores estrangeiros elevou rapidamente o valor da moeda americana, e com isso as exportações do país caíram fazendo com que as importações aumentassem acentuadamente. O balanço comercial e os pagamentos internacionais norte-americanos diminuíram de maneira acentuada e no início dos anos 1980 o déficit comercial anual chegou ao incrível número de US$ 170 bilhões (GILPIN, 2004). Fábio Cordeiro deixa evidente o aumento do déficit na balança comercial dos EUA, ao afirmar que o otimismo criado pela recuperação econômica em 1984 foi acompanhado pela crescente preocupação com a explosão do déficit comercial (CORDEIRO, 2010). Assim, os EUA passaram a tomar grandes empréstimos, passando da posição de principal credor para maior devedor do mundo (Gráfico 5).

Entre junho de 1980 e março de 1985, a moeda norte-americana havia valorizado 60% (GILPIN, 1987). Em um primeiro momento, o governo Reagan tratou com indiferença a sobrevalorização do dólar. Porém, logo percebeu os problemas que viriam caso a moeda permanecesse sobrevalorizada. A partir de 1985 houve uma mudança de política do governo em relação à política anterior, o presidente encarou pela primeira vez a coordenação e cooperação internacional de política econômica como um objetivo importante dos Estados Unidos. O crescimento da dívida interna e o grande déficit comercial fez com que o governo passasse a pressionar os parceiros comerciais dos EUA a valorizarem suas moedas, a fim de promover maior competitividade das indústrias norte-americanas frente aos produtos estrangeiros. O desequilíbrio comercial dos EUA estimulava sentimentos protecionistas, o que fazia com que as relações econômicas internacionais fossem desestabilizadas. Para corrigir essa situação, o governo norte-americano percebia a necessidade de cooperação com seus parceiros econômicos. (GILPIN, 1987)

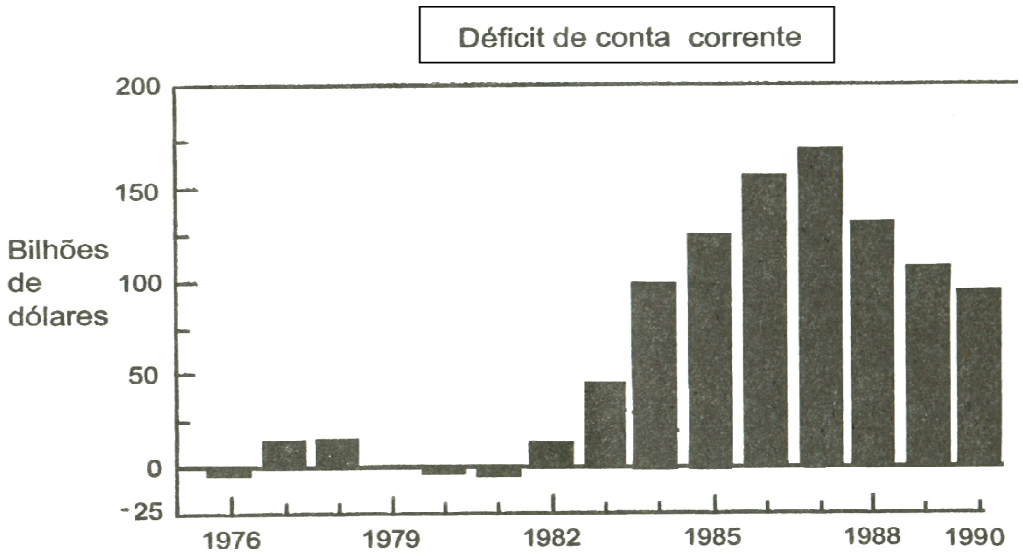

Gráfico 5: fonte - Council of Economic Advisors.

O crescente sentimento protecionista presente no Congresso fez com que a pressão norte-americana sobre seus parceiros comerciais aumentasse. Em 22 de setembro de 1985 ocorreu o Acordo do Plaza, na prática os EUA obrigaram economias importantes como a Alemanha ocidental e principalmente o Japão, seu principal concorrente no mercado internacional, a valorizarem substancialmente suas moedas, e em troca os EUA concordaram em reduzir seu gigantesco déficit federal, que era cada vez maior (GILPIN, 1987). O Acordo do Plaza somado a outras importantes mudanças ocorridas no mercado internacional, tais como a perspectiva de diminuição do déficit orçamentário dos EUA, as menores taxas de juros e a queda do preço do petróleo, resultou em uma desvalorização do dólar em cerca de mais de 30% com relação ao iene e ao marco alemão, se comparado ao seu valor no início de 1985.

Nota-se que se durante a década de 1970 o Estado norte-americano havia realmente perdido grande parte do poder político proveniente do *status* de superpotência mundial, como afirmavam os autores das teorias declinistas, o Acordo do Plaza marcou a volta desse poder às mãos do governo estadunidense à medida que esse conseguiu forçar a cooperação internacional a fim de desvalorizar o dólar e diminuir as pressões que o

Congresso vinha sofrendo por parte da indústria interna do país8. O Acordo do Plaza gerou maior competição entre as principais economias da época, e principalmente reduziu o rápido crescimento da principal ameaça à liderança econômica norte-americana no cenário internacional naquele momento, o Japão.

2. A política externa do governo Reagan de 1981 a 1985

A política que marcou a relação entre EUA e URSS durante os anos 1960 e 1970 foi a *Détente*, a qual significou um relaxamento nas relações entre as duas grandes potências da época. Essa política foi reflexo de uma relativa paridade estratégica nuclear entre EUA e URSS, pois era baseada na lógica do *Mutual Assured Destruction* (MAD)[9]. Os processos de negociação, definição e implementação dos acordos de limitação de armas estratégicas *Strategic Arms Limitation Talks* (SALTs) realizados entre Estados Unidos e União Soviética, são símbolos da política da *Détente* durante a Guerra Fria. Para os EUA, as negociações seriam importantes, pois possibilitariam um equilíbrio moldado pela política externa do país, a qual estava baseada na aplicação da *Détente*. Através dessa política seria possível também diminuir a desconfiança americana de que os soviéticos eram mais desenvolvidos em questões armamentistas, e frear o crescimento da produção de armamentos soviéticos. Na visão da URSS, os acordos não afetariam sua força estratégica defensiva nem ofensiva e permitiriam a estabilidade das suas capacidades nucleares. (GADDIS, 2005)

No fim dos anos1970, a política da *Détente* começou a se desgastar e perder aprovação da opinião pública norte-americana, com os rumores de declínio de poder dos EUA

[8] É importante destacar que em 1979 o dólar também estava altamente valorizado, porém os EUA resolveram o problema de forma interna, pois não tinham poder de barganha o suficiente para negociar uma desvalorização do dólar em relação a outras moedas, principalmente ao marco e o iene. O Acordo do Plaza em 1985 deixou evidente a recuperação de poder político dos EUA neste período a ponto de forçar importantes economias como Alemanha e Japão a valorizarem suas moedas em relação ao dólar.

[9] Reagan estava profundamente preocupado com a política dos EUA em relação a URSS, a de "Destruição Mútua Assegurada" (MAD), que prevaleceu desde que os soviéticos adquiriram armas atômicas. Essa política assumia que nem a União Soviética nem os Estados Unidos jamais atacariam um ao outro, pois ambos tinham medo de que seriam efetivamente destruídos em uma guerra nuclear. Reagan chegou a dizer que o MAD era "uma política verdadeiramente louca (mad)". Ele também temia que por algum tipo de equívoco, os dois lados pudessem entrar em uma guerra nuclear. De fato, foi o que quase aconteceu em 26 de setembro de 1983, quando um sistema de satélite soviético defeituoso informou equivocadamente um suposto ataque de mísseis dos EUA.

como liderança do sistema internacional. Em 1981, Ronald Reagan rompeu com a política da *Détente* a partir de um discurso contrário à posição de relaxamento dos EUA em relação à URSS. Para Reagan, a *Détente*, praticada por Nixon, Ford e Carter, havia sido mais vantajosa para a URSS do que para os EUA. Ele afirmava que o tratado SALT II (1979) impôs maiores limites aos Estados Unidos do que à União Soviética.

Sua política externa, a *Reagan doctrine*, era uma política de confrontação com o comunismo soviético. Reagan via a URSS como um inimigo dos ideais democráticos norte-americanos e sua prioridade era combatê-la (GARTHOFF, 1994). Logo no início de seu governo, Reagan passou a dar prioridade aos gastos militares e chegou a afirmar que "Defesa não era uma questão de orçamento e que o governo deveria gastar o quanto precisasse para a segurança de sua população" (Discurso realizado em 23 de setembro de 1983). Em março de 1981, o governo definiu o orçamento de US$ 220 bilhões, sendo o maior orçamento militar em tempos de paz da história, até então. Além disso, Reagan aumentou em 7% os aumentos nos gastos de defesa entre 1981 e 1985, num total de quase US$ 1 trilhão (SCHALER, 2007). Esses recursos foram destinados à pesquisa e desenvolvimento, a uma ampla variedade de novos sistemas de armas e melhorias das tropas norte-americanas. O aumento de gastos no setor militar tinha três objetivos principais: a) reforço militar em caso de guerra; b) convencer os aliados europeus de que os Estados Unidos não iriam abandoná-los; c) incentivar a URSS a negociar.

Os benefícios gerados pelo aumento do gasto militar foram muitos: as forças armadas norte-americanas modernizaram seus equipamentos; o investimento em pesquisa e desenvolvimento militar foi um estímulo para muitos segmentos da economia, em especial para o setor de alta tecnologia; e os aumentos nos gastos com a defesa, somados à retórica de reconquista do poder norte-americano da *Reagan doctrine*, impulsionaram a confiança do público.

O temor de Reagan em relação à expansão comunista fez com que os EUA interviessem em diversos países durante a primeira metade da década de 1980. O caso mais famoso de intervenção foi o apoio aos Contras na Nicarágua, em 1981. O presidente planejou uma intervenção na Nicarágua para tirar o governo sandinista do poder e pediu liberação de verbas ao Congresso, mas essa lhe foi negada. Reagan defendia que a

aproximação com o governo sandinista permitiria a URSS estabelecer bases na Nicarágua e dessa forma conseguir acesso ao canal do Panamá, podendo assim isolar politicamente a região sul-americana. Reagan decidiu então "privatizar" o financiamento dos Contras, grupo guerrilheiro que lutava contra o governo sandinista na Nicarágua. Tratava-se de uma operação secreta em que diversos países e empresas privadas faziam doações em nome do anticomunismo. O dinheiro também foi obtido por meio da venda de armas norte-americanas para o Irã, por esse motivo o caso ficou conhecido como Irã-Contras. Anos depois o plano foi descoberto e tornou-se um grande escândalo na história política dos EUA (SCHALER, 2007).

El Salvador foi outro país da América Central onde os EUA interviram com o propósito de combater a guerrilha de inspiração marxista. A intervenção em El Salvador foi realizada por meio de três pilares: econômico, político e militar. Quando Reagan assumiu o poder, apontou diversos indícios de que as guerrilhas presentes no país eram apoiadas pela URSS e por Cuba, através da Nicarágua (DICKEY, p.104), e esse foi um dos seus argumentos para tentar derrubar os sandinistas. Durante seu governo, Reagan investiu intensamente na economia de El Salvador. Em 1983, foi inaugurado o *Pacification Programme*, o qual promovia a abertura de escolas e clínicas médicas nas principais cidades do país, juntamente com um maior patrulhamento militar dos EUA na região em que eram instaladas. Afirmava-se que o objetivo desse programa era promover segurança e desenvolvimento local, porém hoje se sabe que a real intenção de Reagan era impedir que o comunismo se expandisse pela América Central. Durante o primeiro mandato, Reagan aumentou o contingente de tropas norte-americanas em El Salvador, responsáveis para dar treinamento ao Exército local. As Forças Armadas de El Salvador cresceram de 9.028 homens em 1980 para um efetivo de 30.000 soldados em 1984 e transformaram-se em uma agressiva máquina de luta (BENNING, 2003). Apesar do alto grau de intervenção militar norte-americana em El Salvador, o investimento econômico dos EUA na região era três vezes maior que o investimento militar. Reagan acreditava que o desenvolvimento capitalista conteria a expansão do comunismo. Em 1984, El Salvador teve sua primeira eleição para presidente após cinquenta anos de governo militar e foi eleito o candidato apoiado pelos EUA (BENNING, 2003).

Durante o primeiro mandato do governo Reagan, além de El Salvador e Nicarágua, houve intervenções dos EUA em prol do combate ao comunismo em outros países, como Líbano, Afeganistão, Angola e Granada.

A relação de Ronald Reagan com Mickhail Gorbachev e Margareth Thatcher também é digna de nota. Em 10 de novembro de 1982, faleceu o líder soviético Leonid Brejnev, o qual estava à frente do governo em seu país desde 1964. Em seu lugar foi empossado Yuri Andropov, que morreu em 9 de fevereiro de 1984 (Andropov permaneceu menos de um ano e dois meses no poder). Após sua morte, foi empossado Konstantin Chernenko, que morreu em 10 de março de 1985 (este ficou cerca de um ano no poder). No dia seguinte, dia 11, assumiu Mikhail Gorbachev em seu lugar.

Mikhail Gorbachev tinha uma visão mais democrática que seus antecessores. Em 1987, ele introduziu a política *Demokratizatsiya* (democratização) na URSS e dois anos depois meses depois seria derrubado o muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria. Entretanto, em seu governo houve problemas econômicos graves, um deles ocorreu quando o preço global do petróleo caiu para um terço de seu valor de mercado, gerando um sério desequilíbrio nas contas da URSS, pois sua economia era fortemente dependente deste produto.

Em 1985, o presidente americano Ronald Reagan reuniu-se diretamente com Gorbachev em um primeiro encontro em Genebra, onde os dois líderes concordaram em trabalhar para reduzir as armas nucleares no mundo. Outras três reuniões sobre desarmamento nuclear aconteceram posteriormente entre Reagan e Gorbachev. Em 11/10/1986, em Reykjavik na Islândia, Reagan e Gorbachev concordaram em fazer um planejamento conjunto para destruir todos os armamentos nucleares até então existentes no mundo (GORBACHEV, Wall Street Journal, 2007). Mesmo nunca sendo efetivada, esta proposta representava um progresso real nas relações entre EUA e URSS. Outras duas reuniões sobre desarmamento nuclear foram realizadas pelos dois países durante o segundo mandato de Reagan.

No artigo ao *Wall Street Journal* em 31/01/2007, Mikhail Gorbachev escreveu defendendo as ideias publicadas por George Shultz (secretário de Estado entre 1982 e 1989), William Perry (secretário de Defesa de 1994 a 1997), Henry Kissinger (secretário

de Estado nas administrações Nixon e Ford) e Sam Nunn (atualmente diretor adjunto e chefe executivo da Nuclear Threat Initiative- NTI, uma organização que trabalha em prol da redução da ameaça nuclear em todo o mundo) semanas antes, em 04 de janeiro, o ano e pelo mesmo jornal, intitulado *Um Mundo Livre de Armas Nucleares*, onde eles diziam que o mundo estava sob perigo iminente por causa da existência de armas nucleares. Segundo Gorbachev no artigo citado, ele e Reagan haviam buscado entendimentos para a pacificação nuclear global.

Em relação à primeira ministra Margareth Thatcher, uma grande aliada das políticas do governo Reagan e em especial no confronto com a URSS - muito devido ao perigo que as armas nucleares de médio alcance soviéticas representavam para o Reino Unido e para a Europa ocidental - durante seu primeiro ano de governo apoiou a decisão da OTAN de implantar armamentos nucleares dos EUA em alguns países da Europa, o que provocou fortes protestos na região. O governo Thatcher comprou o sistema de submarinos de lançamento de mísseis nucleares *Trident* dos EUA para substituir o sistema *Polaris* do Reino Unido, triplicando assim a força do país sob a perspectiva nuclear, a um custo de mais de £12 bilhões (a preços de 1996-1997). O alinhamento de Thacher com Reagan fortaleceu a posição de liderança dos EUA na Europa, e principalmente, em relação a OTAN.

Considera-se que a mudança de estratégia da política externa norte-americana, da *Détente* para a *Confrontação*, durante o primeiro mandato de Reagan na Casa Branca, somada ao alinhamento com Margaret Thatcher e a entrada de Gorbachev na liderança da URSS, foram fatores determinantes para a vitória norte-americana na Guerra Fria anos depois. Durante o governo Reagan, outro fator fundamental que corroborou para a vantagem norte-americana em relação a URSS foi o lançamento do projeto SDI, apelidado de *Star Wars*.

3. O programa SDI ou *Star Wars:* ficção virando realidade

O programa Strategic Defense Initiative - SDI, apelidado *Star Wars*, foi uma verdadeira inovação para o sistema defensivo contra mísseis balísticos nos EUA e no mundo.

Lançado pelo governo Ronald Reagan em 1983, o programa tinha como principal objetivo interceptar ataques inimigos via mísseis e detê-los durante a primeira etapa, ou seja, imediato à fase de lançamento. O novo projeto de defesa norte-americano foi amplamente discutido e criticado, pois além de demandar alto investimento financeiro e desenvolvimento tecnológico, colocava em risco a política de dissuasão, principal estratégia de guerra desde a invenção das armas nucleares, responsável pela "paz" mantida entre EUA e URSS durante a Guerra Fria. O conceito geral de dissuasão surgiu na linguagem política a partir dos anos sucessivos à Segunda Guerra Mundial. A dissuasão representa a ameaça concreta da guerra atômica, graças à qual se determina uma particular situação de equilíbrio nas relações entre os Estados detentores das armas nucleares, o que impede a eclosão de novas guerras mundiais. Pode-se, portanto, notar na dissuasão um elemento fundamental próprio do período da Guerra Fria. A teoria da dissuasão termonuclear indica a condição específica em que se encontram os Estados dotados de armas termonucleares, os quais evitam qualquer confronto, estabelecendo-se assim uma incapacidade recíproca de confronto direto, pelo medo de serem utilizadas essas armas. (BOBBIO, MATTEUTI, GIAFRANCO; 1983)

3.1 Acontecimentos históricos que levaram ao desenvolvimento do SDI

Segundo Parks (2012), o programa SDI foi resultado de processos históricos complexos e de diversos eventos a eles associados.

A Segunda Guerra Mundial deixou evidente a necessidade do desenvolvimento de um amplo programa de defesa. A produção dos mísseis balísticos V-2 pela Alemanha durante a guerra fez com que os estrategistas norte-americanos reconhecessem a relevância de construir um sistema que pudesse conter a ameaça que surgia, pois não havia armas convencionais capazes de combater esse tipo de mísseis. Em março de 1946, as Força Aérea dos Estados Unidos (USAAF - United States Army Air Force) começou a desenvolver dois programas de estudos, o Projeto Wizard (MX-794) e o Thumper (MX-795), ambos com objetivo de gerar tecnologia para a construção de mísseis antibalísticos (ABM). Em 1947, a USAAF reconheceu a dificuldade para o levar adiante o programa, o que provocou sua paralisia durante anos.

A utilização da bomba atômica pelos EUA em 1945 modificou os cálculos de guerra feitos pelos Estados, e também fez com que a demanda pela capacidade de defesa dos países aumentasse.

O crescimento da ameaça comunista durante a Guerra Fria também contribuiu para que o governo tratasse com urgência o desenvolvimento do aparato defensivo dos EUA. Algumas iniciativas soviéticas fizeram com que a ameaça aumentasse no imaginário da população norte-americana durante esse período: a) fabricação de grandes quantidades de mísseis balísticos ICBM - míssil balístico intercontinental, arma soviética com a tecnologia mais avançada da época (GADDIS, 2005); b) lançamento do primeiro satélite artificial em 1957, o famoso Sputnik; c) lançamento da cadela Laika e dos primeiros homem e mulher ao espaço anos depois.

A Crise dos Mísseis em 1962, conhecida como o momento de maior tensão da Guerra Fria, deixou os EUA com grande sentimento de vulnerabilidade, pela falta de condições de defender seu território e população de um ataque nuclear soviético vindo de Cuba.

A constante ameaça de guerra esquentava o clima entre as duas principais potências da época. Até o final dos anos 1970 era impressionante o crescimento em quantidade e qualidade dos ICBMs soviéticos. Isso fez com que os EUA pensassem em estratégias mais efetivas para o seu sistema de defesa.

Era possível notar a preocupação de Reagan com o programa de defesa norte-americano anteriormente a sua eleição. Em 1979, em uma visita ao departamento de defesa militar norte-americano, Reagan ficou perplexo com a incapacidade dos EUA de prevenir um ataque nuclear. Ainda no avião de volta para casa, ele comentou que os EUA haviam gastado alta quantia no setor de defesa, constrindo uma vasta quantidade de equipamentos, porém nada disso poderia prevenir um ataque nuclear contra o povo norte-americano. Segundo Reagan, os EUA deveriam de algum modo defender seu território de mísseis nucleares. (FITZGERALD, 2000)

Em 1980, os conselheiros de campanha de Reagan acreditavam que discutir mudanças na estratégia nuclear dos EUA durante as eleições poderia ter um impacto negativo nas urnas, é por esse motivo que o presidente passou a falar sobre o assunto apenas dois

anos após sua posse.

3.2 O discurso de Reagan em favor do SDI em 23 de março de 1983

Em 23 de março de 1983, Reagan fez um discurso chamado *Address to the nation on defense and national security*, em que apresentou o programa *Strategic Defense Initiative* (SDI).

Durante o discurso, Reagan afirmou que nos últimos vinte anos a URSS havia se desenvolvido militarmente de forma superior aos EUA. Os Estados Unidos haviam introduzido seu último míssil balístico intercontinental, o Minute Man III, em 1969, enquanto a União Soviética desde 1969 havia construído cinco novas classes de ICBMs com oito atualizações. Como resultado deste processo, os mísseis soviéticos estavam se tornando muito mais poderosos e precisos do que eram há alguns anos e a tecnologia nuclear dos EUA era cada vez mais obsoleta. Segundo Reagan, o mesmo havia acontecido em outras áreas. Neste período, a União Soviética havia construído quatro novas classes de submarinos que lançavam mísseis balísticos e colocado em operação mais de sessenta submarinos, enquanto o Estado norte-americano havia construído apenas dois novos tipos de submarinos lançadores de mísseis balísticos e retirado dez submarinos de operação.

Ao considerar as forças convencionais em seu discurso, Reagan afirmou que desde 1974, os Estados Unidos produziram 3.050 aviões de combate tático e a URSS produzira o dobro; os EUA produziram 27 submarinos de ataque, contra 61 da URSS; em veículos blindados, incluindo tanques, os EUA produziram 11.200, contra mais de cinco vezes esse número pela URSS; finalmente, os EUA produziram 950 lançadores de artilharia e foguetes, enquanto os soviéticos produziram mais de 13.000. Segundo Reagan, houve um tempo em que os EUA compensavam os números soviéticos mais elevados dos soviéticos com a qualidade de seus produtos, mas com o passar dos anos tinham gerado armas tão sofisticadas e modernas como as norte-americanas.

Durante seu discurso, o presidente referiu-se diretamente às pessoas que eram a favor do corte de gastos miliares, ao dizer ironicamente que essas deveriam escolher qual parte

da segurança dos norte-americanos que o governo deveria abrir mão ou qual parte da população deveria ficar sem a cobertura do governo.

Reagan também deixou claro que o aumento do investimento financeiro na defesa não iria desequilibrar a lógica do MAD ao afirmar que:

> Desde o alvorecer da era atômica, os EUA procuravam reduzir o risco de guerra, mantendo um forte elemento dissuasor e procurando o controle de armas. Dissuasão significa simplesmente fazer com que qualquer adversário que pense em atacar os Estados Unidos, seus aliados ou seus interesses vitais, conclua que os riscos deste ataque superam os ganhos potenciais. Uma vez que um inimigo entende essa lógica, a probabilidade de ataque diminui. Os EUA manterão a paz através de sua força, a fraqueza só convida a agressão. Nota-se que a estratégia de dissuasão não mudou, ela ainda funciona, porém, o que é preciso para manter a dissuasão mudou. Hoje a necessidade de desenvolver-se um tipo de força militar para deter um ataque nuclear é muito mais iminente, já que os soviéticos têm precisas e potentes armas nucleares para destruir praticamente todos os mísseis terrestres norte-americanos. Os EUA devem permanecer constantes em preservar a dissuasão nuclear e manter a capacidade sólida para resposta.

Reagan termina seu discurso perguntando à população estadunidense se não valeria a pena todo o investimento necessário para libertar o mundo da ameaça de uma guerra nuclear, e sua resposta é sim. (REAGAN, 23/03/1983)

Ao longo do discurso, Ronald Reagan enfatiza que o aprimoramento do setor militar dos EUA tem a finalidade de construir a paz. Ele afirma que cada item do programa de defesa norte-americano destina-se a um único propósito, manter a paz.

Durante o discurso, Reagan utiliza o caso da Crise dos Mísseis cubanos para ilustrar o crescente poder da URSS na América Central e Caribe. O presidente também chama atenção para o perigo Soviético na África e na Ásia.

Torna-se evidente o rompimento do governo Reagan com a política da *Détente*, determinante para a relação entre EUA e URSS durante a década de 1970, quando ele afirma que naquele momento um congelamento nuclear faria do Estado norte-americano um lugar menos seguro, pois aumentaria os riscos de guerra. Negociações sobre redução de armas, naquele momento, funcionariam como premiações aos soviéticos por seu desenvolvimento militar, enquanto que os EUA seriam impedidos de modernizar suas forças, as quais eram cada vez mais vulneráveis. Dessa forma, Ronald Reagan acreditava que não havia motivos para o governo norte-americano concordar com

reduções de armas. Ele afirmava que cada cidadão norte-americano tinha o direito de ter a certeza de que não seria alvo de um ataque soviético e de que o governo norte-americano seria capaz de interceptar e destruir mísseis balísticos estratégicos da URSS ainda em sua primeira fase de lançamento.

As falas de Reagan durante o discurso *Star Wars* estavam carregadas de sentimentos de renovação em relação aos anos 1970. A retórica do presidente relembrava ao povo norte-americano dos anos de ouro da economia dos EUA e do sucesso militar do país.

3.3 Os principais objetivos, as dificuldades e os resultados do programa SDI

Os principais objetivos do SDI eram promover tecnologia, aumentar a capacidade técnica norte-americana, desenvolver um sistema eficiente para a política de defesa dos EUA, diminuir a vulnerabilidade do país frente à ameaça de uma guerra nuclear e possibilitar uma mudança na política estratégica estadunidense em relação à União Soviética.

Após a Segunda Guerra Mundial, os países passaram a reconhecer à necessidade do desenvolvimento de um aparato de defesa contra mísseis balísticos. O ABM (anti ballistic missile) passou a ser projetado durante a década de 1960 tanto pelos EUA quanto pela URSS. Porém, esse programa apresentava diversos problemas, pois era capaz de operar apenas nos últimos minutos de voo do míssil, seus interceptores eram extremamente caros e pouco precisos, havia poucos radares, o que o tornava ineficiente frente a um ataque com uma grande quantidade de mísseis, além de que os computadores da época apresentavam grandes limitações para a realização de diferentes tarefas ao mesmo tempo. A tecnologia a ser desenvolvida pelo SDI tinha como objetivo acabar com esses problemas.

O programa SDI enfrentou diversas dificuldades logo em sua origem. Em primeiro lugar, os cientistas acreditavam que não teriam tempo de desenvolver tecnologias suficientemente avançadas para a realização do projeto. Em segundo lugar, havia objeções por parte do Congresso quanto à quantia a ser gasta com o programa. A terceira dificuldade relaciona-se com o temor de mudanças no equilíbrio de forças entre

os EUA e URSS, alguns afirmavam que qualquer esforço para desenvolver uma capacidade de defesa mais avançada levaria o Estado norte-americano a uma nova e mais perigosa corrida armamentista com a União Soviética (PAINE e GRAY, 1984). Em outras palavras, muitos acreditavam que o programa colocava em risco o *Mutual Assured Destruction* (MAD), o qual era baseado na ideia de que nem os EUA tampouco a URSS iniciaria um ataque nuclear, pois ambos temiam o fato de que seu território pudesse ser atacado posteriormente porque mesmo destruindo parte do arsenal nuclear do adversário, ainda assim este poderia responder com outro ataque nuclear.

Já os favoráveis ao programa acreditavam que o desenvolvimento do sistema de defesa norte-americano aumentaria o poder de dissuasão do MAD, pois permitiria que o arsenal nuclear do país sobrevivesse ao primeiro ataque, deixando-o menos vulnerável e melhor equipado para um possível contra- ataque. Dessa forma, os favoráveis ao programa SDI criam que o fortalecimento da defesa não enfraquecia o poder de ameaça norte-americano, pelo contrário, limitava a possibilidade de um primeiro ataque soviético. Nota-se que a nova estratégia militar norte-americana, baseada na dissuasão defensiva, não era contrária à corrente de dissuasão ofensiva. Até aquele momento, os EUA procuravam negar a possibilidade de vitória soviética por meio da promessa de que em caso de um primeiro ataque nuclear da URSS ao território norte-americano, os EUA lhes responderiam com um contra-ataque devastador. Ao contrário, a dissuasão defensiva proposta pelo governo Reagan, negaria a possibilidade de vitória soviética através da impossibilidade de derrota norte-americana, pois esse ao interceptar, de maneira eficaz, o primeiro ataque da URSS, manteria seu arsenal nuclear intacto para um possível contra-ataque. Em suma, a transição para a estratégia de defesa não seria inconsistente com a dissuasão, ao contrário, introduziria um diferente caminho para atingi-la, um caminho que reduziria tanto a probabilidade quanto as consequências da guerra nuclear. (PAINE e GRAY; 1984)

Depois de um ano de estudos sobre a possibilidade de colocar o projeto *Star Wars* em prática, em abril de 1984, o Departamento de Defesa dos EUA fundou a *Strategic Defense Initiative Organization* (SDIO) sob o comando do tenente-general das Forças Armadas norte-americanas, James A. Abrahamson. Essa organização foi responsável

pela ampliação do programa antimísseis dos EUA. Em 1987, a SDIO desenvolveu um conceito de defesa nacional de mísseis, o qual chamou de Fase I da Arquitetura do *Strategic Defense System* (SDS), composto de dois interceptadores balísticos, um no espaço e outro em terra. O programa também era composto por três sensores espalhados de forma triangular que determinavam o alvo de maneira única, tratava-se de um sensor terrestre, dois sensores espaciais, e por fim, um sistema final de gerenciamento inteligente de batalha. Com isso, utilizando interceptadores *hit-to-kill* (atinja e destrua), o objetivo da arquitetura era destruir, logo na fase de lançamento, uma porcentagem grande de ogivas em um ataque massivo de mísseis soviéticos contra os EUA. Após a destruição destes artefatos, o sistema SDI buscava melhorar de maneira integrada e utilizando inteligência artificial, suas fases posteriores, ou seja, aquelas ogivas que tinham escapado da primeira defesa eram agora alvos de um segundo ataque. Entretanto, do ponto de vista político, a arquitetura do SDI era cheia de controvérsias, pois sua adoção requeria a saída dos EUA do *Anti-Balistic Missile Treaty (*ABMT), além do fato de que seu componente terrestre tinha dois grandes problemas: a) seu alto preço, e, b) sua vulnerabilidade frente às armas antissatélites soviéticas10.

A importância do SDI se mostra no fato de que todos os presidentes dos EUA após Ronald Reagan deram continuidade e grande incentivo ao programa de defesa norte-americano iniciado em seu governo[11]. Apesar de suas limitações e críticas, o programa SDI foi responsável por grande parte do avanço tecnológico norte-americano e segue operante até os dias atuais. Com um programa de defesa antimísseis em desenvolvimento e um gigante aparato ofensivo, os EUA criaram uma armadura militar incontestável a seu favor.

Considera-se que durante o primeiro governo Reagan houve reconhecimento por parte da liderança norte-americana de que havia uma brecha de poder no país, gerada pelo baixo desenvolvimento de seu programa de defesa. Essa brecha começou a ser fechada com o início do programa SDI em 1984, com o decorrer dos anos este sistema deu aos

[10] Documento emitido pela MDA- Agência de Defesa de Misseis dos EUA, agosto de 2008.
[11] Para mais informações sobre o programa de defesa norte-americano após a Era Reagan, consultar: Documento emitido pelo Departamento de Defesa dos EUA: http://www.mda.mil/global/documents/pdf/first60.pdf

EUA grande vantagem tecnológica sobre a URSS o que desequilibrou de vez a corrida armamentista entre as duas grandes potências a favor dos EUA.

4. Considerações finais

O governo Reagan combinou três processos complexos e a interação entre eles resultou na recuperação e na consolidação da posição de liderança internacional dos Estados Unidos - na capacidade diplomática e militar, na supremacia econômica e na posição do dólar. A interação entre os três não foi planejada e havia aspectos contraditórios entre si. A combinação entre eles é um componente relevante para a análise do que ocorreu no período e de como se dão os processos econômicos e políticos nos Estados Unidos.

Apesar da relevância das mudanças na política econômica, o elemento decisivo para a recuperação da liderança norte-americana no período entre 1981 e 1985 foi a orientação agressiva da política externa dos EUA em combate ao comunismo. As medidas tomadas pela administração Reagan durante o período estudado pelo presente artigo, considerando seus erros e acertos, foram determinantes no processo que guiou os EUA à vitória na Guerra Fria e à consolidação de sua liderança internacional até os dias atuais.

A forte mudança na política monetária e os juros altos foram decisões do Fed de Paul Volcker, em outubro de 1979, ainda no governo Carter e tinha como fundamento básico a contenção da inflação elevada nos EUA, ou seja, estava focada em problemas internos norte-americanos. A forte valorização do dólar daí resultante atraiu capitais do mundo todo e reafirmou a posição central do dólar, a tal ponto que os EUA conseguiram retomar seu poder de coordenação monetária com o histórico Acordo do Plaza, em 1985, em que Alemanha e Japão concordaram em orientar suas políticas monetárias para permitir a desvalorização "suave" do dólar, medida necessária para sustentar a recuperação econômica dos EUA e da economia mundial.

Os juros altos e o dólar forte tiveram também efeitos dramáticos sobre a economia norte-americana, com forte efeito recessivo e incentivo às importações, processos que afetaram de forma dramática segmentos inteiros da indústria tradicional. O debilitamento e a quebra de muitas empresas enfraqueceu os sindicatos, um dos

objetivos da política de Reagan, e estimulou segmentos industriais novos, beneficiados pelas importações baratas e bens de capital e intermediários do mundo todo. Os setores novos foram capazes de absorver e difundir as inovações tecnológicas geradas pelo gasto militar e pelo desenvolvimento de tecnologias avançadas que permitissem aos EUA romper a seu favor o equilíbrio militar com a URSS e derrotá-la.

Esse era um dos pontos centrais do programa de governo original de Reagan. O governo Reagan rompeu a política da *Détente*, em vigor desde os anos 1960. A *Reagan doctrine* privilegiou uma política de confrontação com o comunismo soviético e aumentou o gasto militar, com o programa *Strategic Defense Initiative* (SDI).

O outro ponto central do programa original de Reagan era romper o pacto econômico "keynesiano" e reorientar a economia para o "supply side", focar a política econômica nos estímulos à oferta e não na sustentação da demanda. Essa política se combinou bem com os juros altos, assegurados pela permanência de Volcker à frente do Fed, herança do governo democrata de Carter. A política econômica de Reagan inaugurou, junto com as políticas de Thatcher, o que viria a ser chamado de "neoliberalismo", ideário em que supostamente deveriam ser privilegiados a redução do Estado, o equilíbrio fiscal e a redução dos impostos. Na prática, o governo Reagan fez apenas o último item. O corte de impostos ocorreu em paralelo ao aumento do gasto militar, inclusive em tecnologia, o que elevou o déficit público e a dívida pública a níveis muito superiores aos da década anterior, mas com inflação em queda e mudanças na economia.

A análise desenvolvida no presente artigo reforça a tese de que foi a mudança na política externa e o gasto militar que determinaram os resultados dos processos em curso, inclusive na recuperação da liderança tecnológica da indústria e da liderança econômica dos EUA. O ideário "neoliberal" serviu para quebrar a resistência dos sindicatos e reconcentrar a renda, como se propunha a economia de "supply side", mas o Estado tornou-se ainda mais deficitário e difundiu uma onda inusitada de inovações tecnológicas – uma espécie de "keynesianismo de guerra", o que gerou também o maior déficit no balanço de pagamentos dos EUA até então.

As forças armadas foram modernizadas e o investimento em desenvolvimento e pesquisa foi amplamente estimulado, especialmente em relação à alta tecnologia, sendo

este um dos motores responsáveis pela recuperação econômica dos EUA, que somado à *Reagan Doctrine* gerou uma maior confiança do povo norte-americano no governo. Também foi possível notar que a *Reagan doctrine* reascendeu o sentimento de excepcionalidade da nação estadunidense. Este fato foi fundamental para o processo de recuperação dos EUA como principal potência mundial durante os anos 1980, o qual foi concluído com a derrocada da URSS na Guerra Fria, resultando na unipolaridade do sistema internacional.

A mudança estratégica de política externa, da *Détente* para a *Confrontação* durante os anos estudados, também foi fundamental para a recuperação do poder político dos EUA frente à comunidade internacional. Quando Reagan assumiu a presidência em 1981, acreditava que os EUA ainda não estavam prontos para tomar uma posição de relaxamento em relação a URSS, mas que antes o governo norte-americano deveria buscar vantagens em relação aos soviéticos, principalmente nas áreas econômica, militar, e política. Essa foi a principal estratégia de Ronald Reagan durante seu primeiro mandato na presidência dos EUA. Quando Gorbachev assumiu como líder soviético em 1985, sua aproximação com o governo norte-americano era inevitável, pois os EUA já havia ganhado vantagens em relação a URSS nas três áreas citadas acima.

A relação estreita entre Reagan e Thatcher demonstrou a retomada de confiança da Europa e OTAN de que o Estado norte-americano seria capaz de defender seus aliados em caso de um possível ataque da União Soviética a estes.

Quanto ao programa *Strategic Defense Initiative* (SDI), além de ter tido papel fundamental na recuperação econômica dos EUA, o projeto modificou a lógica de dissuasão, fator de estabilidade da Guerra Fria até então. Com seu aparato defensivo desenvolvido, os EUA passaram a ter vantagens sobre a URSS na corrida armamentista, uma das causas determinantes para a vitória norte-americana na Guerra Fria.

O maciço investimento militar demonstrou o retorno do poder político-econômico dos EUA frente à comunidade internacional, o que fez com que a indústria interna do país voltasse a crescer e também gerou maior competição entre as principais economias.

É pelos motivos expostos acima que o período de 1981 a 1985 da presidência de Ronald

Reagan é fascinante e inovador. As decisões tomadas pelo governo norte-americano neste intervalo de tempo resultaram no fortalecimento do tripé responsável por sustentar a posição dos EUA como principal potência mundial. Este tripé é composto por: i) recuperação econômica do país e retomada do dólar como principal moeda de reserva de valor internacional, o que ficou claro com o Acordo do Plaza; ii) aumento do arsenal militar e tecnológico norte-americano; iii) reconquista da credibilidade de sua política externa, principalmente frente a seus aliados.

Referências

ARRIGHI, G; *O Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto Editorial Ltda; São Paulo: Editora UNESP,1996.

AXILROD, Stephen. Commentary. LINDESY, David E., ORPHANIDES, Athanasios; RASCHE, Robert. The Reformo f October 1979: how it happened and why. *Working Paper*, Federal Reserve Board, Washington, DC, December 2004.

BENNING, Bob; *War in El Salvador*: The Policies of President Reagan and The Lessons Learned for Today. Air University Press Maxwell AFB, 2003.

BELLUZZO, L.G; A mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano. IN: FIORI, José Luís. *O Poder Americano.* Petrópolis: Ed.Vozes, 2004.

BLOCK, Fred; *Los origines del desorden económico internacional.* México, Fondo de Cultura, 1980.

BOBBIO, Noberto; MATTEUTI, Nicola; GIAFRANCO, Pasquino; *Dicionário de politica*, Unione Tipografico Editrice Torinese (UTET); 1983.

BROWNLEE, W. E. Economic Policy in the First Reagan Administration: the conflict between tax reform and countercyclical management. In: KOPCKE, R.; TOOTELL, G. TRIESTE, R. The *Macroeconomics of fiscal policy*. MIT Press, 2006, p. 147-173.

CATHAL, J. Nolan; *The Greenwood Encyclopedia of International Relations: S-Z*, ISBN, 2004.

CINTRA, Marcos Antônio Macedo*; A dinâmica do novo regime monetário-financeiro norte-americano: uma hipótese de interpretação*. Estudos Avançados. 14 (39). 2000.

CINTRA, Marcos Antônio; CAGNIN, Rafael. Evolução da estrutura e da dinâmica das finanças norte-americanas. *Revista Econômica.* Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 296-338, dez. 2007.

CORDEIRO, Fábio C. **O FMI, a política interna dos EUA e a crise da dívida dos anos 80**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DICKEY, CHRISTOPHER; With the contras: A Reporter in the wilds of Nicaragua. New York: Simon and Shuster, 1985.

EICHENGREEN, Barry; When currencies collapse we will replay 1930s or 1970s? Foreign Affairs: January, 2012.

EICHENGREEN, Barry; *A globalização do capital: uma história do sistema financeiro internacional*. São Paulo: Editora 34, 2000.

FELDSTEIN, Martin. American Economic Policy in the 1980s: A Personal View. In: FELDSTEIN, M. (ed.) American Economic Policy in the 1980s. Conference held October 17-20, 1990, NBER.

FRITZGERALD, Frances*; Way out there in the blue:* Reagan, Star Wars and the End of the Cold War. New York: Simon & Shuster, 2000.

FRIEDMAN, Milton; The Federal Reserve and Monetary Instability, **Wall Street Journal**, February 1, 1982, 20.

GADDIS, J. Lewis; *Strategies of Containment. Oxford*, 2005, pp. 272-341.

GARTHOFF, Raymond L; *Détente and Confrontation: from Nixon to Reagan.* The Brookings institution; 1994.

GILPIN, Robert*; War and Change in International Politics.* Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GILPIN, Robert; *The Political Economy of International Relations*. Princeton: Princeton University Press, 1987.

GILPIN, Robert ; GILPIN, Jean M; *Global political economy :* understanding the international economic order. Princeton : Princeton University Press, 2001.

GRADIN, Greg; *Empire's Workshop:* Latin America, The United States and the Rise of the New Imperialism. Henry Holt & Company, 2007.

LINDESY, David E., ORPHANIDES, Athanasios; RASCHE, Robert. The Reformo f October 1979: how it happened and why. *Working Paper*, Federal Reserve Board, Washington, DC, December 2004.

MEARSHEIMER, J.J; *The Tragedy Of Great Power Politics.* New York: W.W. Norton & Company, 2001.

MENDONÇA, Filipe; Carvalho, Carlos E; "Hegemonia em tempos de crise: lições da reação dos EUA às crises e contestações dos anos 1970". *Programa San Tiago Dantas de Relações Internacionais*, São Paulo 2012.

MICHAEL, J. Hiscox; The Domestic Sources of Foreign Economic Policies. In: JOHN RAVENHILL. *Global Political Economy*; Oxford; New York, 2005.

MOFFITT, M; *O Dinheiro de Mundo: De Bretton Woods à beira da insolvência*; Tradução de Lucas Azevedo. Paz e Terra, 1984.

MORAIS, Lécio; *Capital, Estado e moeda internacional: um ensaio teórico sobre a crise do dólar*. Brasília, mimeo, 2008.

MUSSA, Michael. Monetary Policy. FELDSTEIN, M. (ed.) American Economic Policy in the 1980s. Conference held October 17-20, 1990, NBER.

PARKS, Walter; *Reagan's Star Wars The Military Industrial Complex.* UnknownTruths; 2012.

PAYNE, Keith B; GRAY, Colin S; *Nuclear policy and defensive transition*; 62 Foreign Affairs 820, 1983-1984.

SCHALLER M; *Reagan and the Cold War: in: Deconstructing Reagan*; M.E. Shape, 2007.

SERRANO, Franklin; Relações de poder e a política macroeconômica americana, de Bretton Woods ao padrão dólar flexível. In: Fiori, J. L. (org.). *O poder americano.* Petrópolis, Vozes, 2004.

SLOAN, W. Jhon; The Economic Costs of Reagan Mithology. In*: Deconstructing Reagan*; M.E. Shape, 2007.

SOUSA, Fernando; *Dicionário de Relações Internacionais.* Edições Afrontamento, CEPESE e autores; 2005.

STEVEN, F. Hayward. *The Age of Reagan: The Conservative Counterrevolution: 1980–1989*. Crown Forum. ISBN 1-4000-5357-9.

STOCKMAN, David A; *The Triumph of Politics: Why the Reagan Revolution Failed* ; Harper and Row; 1986.

TAVARES, Maria da Conceição; *A retomada da hegemonia norte-americana.* São Paulo, Revista de Economia Política, 1985, v.5, n. 2(18), abr./jun.

TOTA, Pedro; *Os Americanos*. São Paulo, Editora Contexto; 2009.

TREIN, F; A vontade de poder hegemônico: a política externa de Reagan. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, 3(2): 57-65, 1983.

TRIFFIN, R; *Gold and the dollar crisis: the future of conversibility.* Haven: Yale University Press, 1966.

WILLIAM, K; *American economic history: a guide to information sources*. Gale research Co. Volume 16, 1980.

Sites (acessados de Abril de 2012 a Julho de 2013)

http://history.state.gov/

http://www.state.gov/m/a/ips

http://www.reagan.utexas.edu/

http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/32383d.htm

http://www.reaganfoundation.org/

http://www.gpo.gov

http://www.inflationdata.com/

http://www.usgovernmentspending.com/

http://nationalinterest.org/commentary/ronnie-turns-one-hundred-4829

http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1631828,00.html?iid=sphere-inline-bottom

FED: http://www.federalreserve.gov/

MDA – Missile Defense Agency: http://www.mda.mil/global/documents/pdf/first60.pdf

IMF- International Monetary Fund : http://www.imf.org/external/np/exr/facts/esf.htm

BLS – Bureau of Labor Statistics: http://www.bls.gov

BEA – Bureau of economic analysis: http://www.bea.gov/

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômica: http://www.oecd.org

WTO – World Trade Organization: http://www.wto.org

ONU – Organização das Nações Unidas: http://www.un.org/

GORBACHEV, Wall Street Journal, 2007:
http://online.wsj.com/article/SB117021711101593402.html

MARGARETH THATCHER, BBC BRASIL, 2013:
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130801_discurso_rainha_guerra_fl.shtml